

Exemplares de RACISMO II  
CASSO

Manoel e esposa Verinha  
**ESPECIAL**  
A barreira  
do racismo



**MULHERES**  
**ESPANCADAS**  
focante tragédia doméstica

23 de Julho de 1985 - Nº 47 - C\$ 8

**Affirmação**  
A SERVIÇO DA VERDADE

MANAUS SANTAREM, RIO BRANCO, BOA VISTA, PORTO VELHO, C\$ 10.400

Saney



# Este mundo é dos brancos?

O preconceito racial no Brasil "é uma realidade geral, persistente, difusa", diz o sociólogo Octávio Ianni. "Não há preconceito racial", diz o sociólogo Gilberto Freyre. Aqui, **Afinal** mostra como e onde se exerce o preconceito.

TEXTO: ANÉLIO BARRETO.\*

"Não te metes, negro!", gritaram os policiais para o padre sem batina.

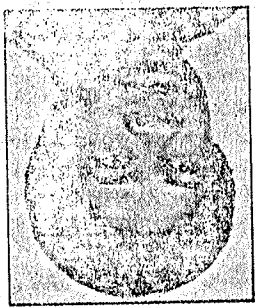
"O que é que há, branco?", gritou de volta o padre.

"Prende este negro vagabundo", ordenou o tenente, indignado pelo desacato à autoridade.

Os policiais — aproximadamente 20 — cercaram o padre negro, mas este não tinha em seus planos entregar-se calmamente. Recou, tomou posição de luta, enfrentou a todos. Os soldados fizeram o mesmo, e surgiu o primeiro tapa. Novos tapas, pontapés, gritos — o padre enfrentava os policiais, agitava com eles a pacata praça da matriz.

O incidente entre padre Edemir João de Souza (foto) e os policiais — em Tubarão, Santa Catarina — agita atualmente os movimentos das comunidades negras em todo o País, e é apenas um em uma infindável rede de conflitos nas áreas de educação, trabalho, política, artes e todas as outras de relacionamento dos estratos sociais brasileiros, e que convergem para um único ponto central: a discriminação racial dos negros no Brasil.

A briga de padre Edemir foi apenas registrada, com poucas palavras, pela grande imprensa. Uma batida policial na cidade catarinense de Tubarão, a 17 de maio, levou alguns policiais a procura de drogas no bairro operário de Oficinas, mais precisamente na praça ▶



**Verghina e Manoel tiveram muitos problemas antes e depois do casamento. E até hoje há quem pergunte se Verghina adotou Aline, a filha.**

JOSE PINHO



# O padre: "Quantos cotados já apanharam com isso?"

da Igreja de São José, parquizado padre Edemir, 39 anos, negro, adpito da Teologia da Libertação. Os policiais dirigiram-se a um dos rapazes que estava na praça e passaram a revista-lo. O padre intercedeu por ele, e então travou-se o diálogo que resultou na briga e na reunião de todos os envolvidos no 2º Distrito Policial de Tubarão, onde estava também o comandante Nelson, do 5º Batalhão Policial Militar. Ali, finalmente identificado, padre Edemir recusou-se a conversar com os policiais — insistindo em que o real motivo de sua detenção foi a discriminação racial — e provocou bastante desconforto ao apontar um pedaço de madeira num canto da delegacia e perguntar ao comandante Nelson "quantos cotados já apanharam com isso?" Depois da intervenção de várias pessoas em favor do padre — inclusive a de um policial negro que participou para da operação — o comandante concordou em libertá-lo.

Tendo acontecido em um Estado em que a colonização alemã é tão marcante, e a questão racial mais sensível, o caso do padre Edemir não poderia deixar de repercutir. Uma Associação de Leitores Bíblicos do Norte do Estado publicou um manifesto de solidariedade a ele; o Movimento de Exatidão Martir Zumbi, em nota oficial, denunciou que o padre foi vítima de discriminação racial; e o Movimento Negro de Uberaba, Minas Gerais, manifestou seu "repúdio à atitude discriminatória".

A repercussão crescia e o comandante Nelson, em Tubarão, resolveu manifestar-se, quatro dias depois, processando o padre Edemir por desacato à autoridade, resistência à prisão e agressão. E, em tumultuada entrevista coletiva multada entrevista coletiva clarou que não o fez antes de visto à sua fé católica, motivo que também o levava a libertar o padre no dia 17. Isso, entretanto, só contribuiu para aumentar a indignação da comunidade negra. Afinal, dizem os líderes negros de Santa Catarina, "se o cidadão Edemir desacatou a autoridade, agrediu os policiais e resistiu à prisão, ele deveria ter sido mantido aprisionado e indiciado em inquérito. O fato de alguém ser padre católico, pastor protestante, monge budista ou irmão maçônico não o isenta de sofrer as penalidades previstas na Constituição". Agora, o Movimento de Exatidão Zumbi está conclamando os demais movimentos negros de todo o Brasil, e entidades ligadas à defesa dos direitos humanos, a se manifestarem sobre o episódio. "Não recuaremos — dizem — pois se assim agirmos estaremos contribuindo para um retrocesso na caminhada em busca da verdadeira libertação."

E ainda na busca do que chamam de sua verdadeira libertação.

gão que todos os movimentos negros do Brasil estão pedindo a revogação da Lei Afonso Arinos, em vigor há 34 anos, e que enquadrada no Código Penal a discriminação racial. As razões deste aparente paradoxo — o pedido, a exigência da revogação de uma lei que à primeira vista os beneficia — serão apresentadas pelos movimentos negros mais adiante. Em sua luta, esses movimentos têm registrado e denunciado casos como estes: • No início de fevereiro, em São Paulo, o Studio Night Club, casa noturna da refinada região dos Jardins, impediu duas vezes a entrada de Helena Maria Coimbra, uma jovem negra. Intepelado, o proprietário da casa procurou conseguir a "compreensão" de Helena, alegando que aquilo era uma imposição dos frequentadores do bar. Se ele permitisse, completou, a entrada de Helena provavelmente provocaria uma queda no status da casa. O episódio foi registrado em ocorrência policial.

• Pouco antes do Carnaval a socióloga Edna Roland e mais quatro amigos, todos negros, deixavam um ensaio da escola de samba Val-Vai, no bairro do Bexiga, em São Paulo, quando seu carro foi fechado por uma viatura da polícia. Eram todos suspeitos, disseram os policiais, sem no entanto explicar de que nem por que. Foram pedidos reforços e, em poucos minutos, Edna e seus amigos eram escoltados até a delegacia mais próxima por um comboio de nada menos do que 11 carros da polícia. Identificados logo a seguir, os cinco foram imediatamente colocados em liberdade, sem nenhum registro, e com a rápida explicação de que haviam sido detidos para "simples averiguação".

• O *Journal do Brasil* de 20 de março publicou carta de Yma Bulcão, negra, contando: "Ao entrar no Hotel Everest, na Rua Prudente de Moraes, Ipanema, no dia 8/3/1985, fui barrada devido a minha cor". Yma conta que ia visitar alguns amigos hospedados no hotel, e que o gerente explicou ser proibida a entrada de visitantes nos apartamentos dos hóspedes. "Foi uma discriminação à cor", afirma ela, confirmada pelo fato de que estava acompanhada por um casal de brancos que entrou sem problemas, e que a esperava na porta do elevador. E completa: "O meu marido (inglês, branco) já tinha subido várias vezes nos dias precedentes, com outras pessoas também brancas, para visitar nossos amigos lá hospedados".

Celebrado tradicionalmente como um país em que vigora a democracia racial, o Brasil tem no professor Octávio Jamn — titular de sociologia na pós-graduação de ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — um crítico severo daquilo que ele identifica pela palavra mais simples e direta — preconceito. "O preconceito racial na sociedade brasileira —



Manoel e Verginia: reformas na casa do Parque São Rafael.

JOSE PINO

# Todos eles querem a revogação da Lei Afonso Arinos

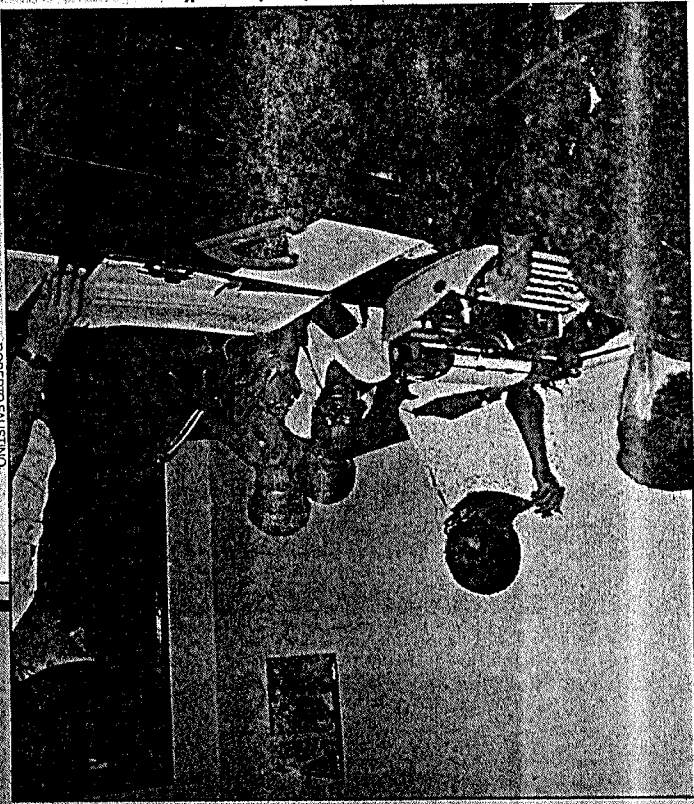
Quando os novos Vergínia e Manoel entraram na Igreja da Vila Prudente, 12 anos atrás, os convidados aplaudiram em pé: com o casamento os dois encerravam uma etapa de obstáculos enfrentados por mais de um ano, desde que se conheceram. Os parentes e os amigos do casal, que por muito tempo tentaram convencê-los a desistir um do outro, passaram a torcer para que Vergínia e Manoel dedicam parte do tempo ao trabalho de conscientização de leigos, na Comunidade Eclesial de Base Santo Dias da Silva, sobre um problema que sentiram na pele: o preconceito contra a união entre pretos e brancos.

Vergínia é professora e estudante do último ano de pedagogia; Manoel é bancário. Com as economias que fizeram, estão reformando a casa comprada no Parque São Rafael, Zona Leste

desmentem sumariamente o mito da democracia racial. Quando os novos Vergínia e Manoel entraram na Igreja da Vila Prudente, 12 anos atrás, os convidados aplaudiram em pé: com o casamento os dois encerravam uma etapa de obstáculos enfrentados por mais de um ano, desde que se conheceram. Os parentes e os amigos do casal, que por muito tempo tentaram convencê-los a desistir um do outro, passaram a torcer para que Vergínia e Manoel dedicam parte do tempo ao trabalho de conscientização de leigos, na Comunidade Eclesial de Base Santo Dias da Silva, sobre um problema que sentiram na pele: o preconceito contra a união entre pretos e brancos.

Vergínia é professora e estudante do último ano de pedagogia; Manoel é bancário. Com as economias que fizeram, estão reformando a casa comprada no Parque São Rafael, Zona Leste

eram sócios do clube A essa altura chegou um casal — branco — e foi admitido. Perguntado pelas mulheres negras, o porteiro respondeu que aquele senhor "era o dono do Hotel Comodoro". Acontece que não era. Tratava-se do comerciante Eduardo Martins, proprietário de uma oficina mecânica e casado com uma negra, psicóloga do Coleto de Mulheres Negras. Eduardo, branco, acompanhado de uma amiga de sua mulher, branca também, tornaram-se — conforme havia sido combinado — a prova definitiva. A polícia foi chamada e o flagrante de racismo registrado em boletim de ocorrência no 4º Distrito, em São Paulo, para onde foram as mulheres.



No 4º Distrito, em São Paulo, a queixa das mulheres.

mesmo em que fora impedida de entrar seis mulheres, todas negras, chegaram ao bar, falaram das reservas e entraram sem problemas — não se sabe se o porteiro reconheceu Tereza. Pouco depois um outro grupo de mulheres negras chegou ao Clube 96, e estas, sim, foram barradas. Argumentaram que haviam escolhido o 96 justamente por ser um single bar, e aceitar mulheres desacompanhadas; mas o porteiro respondeu que o problema não era esse e que elas não poderiam entrar porque não algumas pessoas ligadas ao Conselho da Na sexta-feira 22 de março passado os segregadores.

Na sexta-feira 22 de março passado os segregadores.

## Caso de polícia

Os casos de Helena Maria Coimbra, contadora, e Maria Tereza Kazadi, seguidoras de Maria Tereza Kazadi, se- criadas boas na região dos Jardins de São Paulo, no início do ano, fizeram com que alguns dos movimentos negros paulistas decidissem responsabilizar criminalmente — através de flagrante — Tereza Kazadi, a secretária Maria Tereza Kazadi, a secretária traçaram o seu plano. Maria Tereza Kazadi, a secretária traçaram o seu plano. Maria Tereza Kazadi, a secretária traçaram o seu plano. Maria Tereza Kazadi, a secretária traçaram o seu plano.

«sitiera é uma realidade geral, persistente, difusa e, mais ainda, recoberta pela ideologia do branco que afirma e realimenta que ele se manifesta sob duas perspectivas opostas: uma é a do branco, que ele resume como "das classes dominantes ou dos intelectuais que são seus porta-vozes", e que alega a inexistência do preconceito. E a outra a dos próprios negros que, em suas relações de trabalho, e em tantas outras ocasiões de convívio social, enfrentam situações que desmentem sumariamente o mito da democracia racial.

Quando os novos Vergínia e Manoel entraram na Igreja da Vila Prudente, 12 anos atrás, os convidados aplaudiram em pé: com o casamento os dois encerravam uma etapa de obstáculos enfrentados por mais de um ano, desde que se conheceram. Os parentes e os amigos do casal, que por muito tempo tentaram convencê-los a desistir um do outro, passaram a torcer para que Vergínia e Manoel dedicam parte do tempo ao trabalho de conscientização de leigos, na Comunidade Eclesial de Base Santo Dias da Silva, sobre um problema que sentiram na pele: o preconceito contra a união entre pretos e brancos.

Vergínia é professora e estudante do último ano de pedagogia; Manoel é bancário. Com as economias que fizeram, estão reformando a casa comprada no Parque São Rafael, Zona Leste





# Antes, o padre Antônio foi rejeitado por dois seminários.

De família muito religiosa — foi coroinha quando garoto —, o padre Antônio foi rejeitado por dois seminários antes de conseguir seu ingresso na congregação italiana dos orionitas (nome que se deve a seu fundador, dom Orion), e que tem hoje 48 padres brasileiros e, entre eles, 18 negros. O trabalho do padre Antônio volta-se muito para a discussão dos problemas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

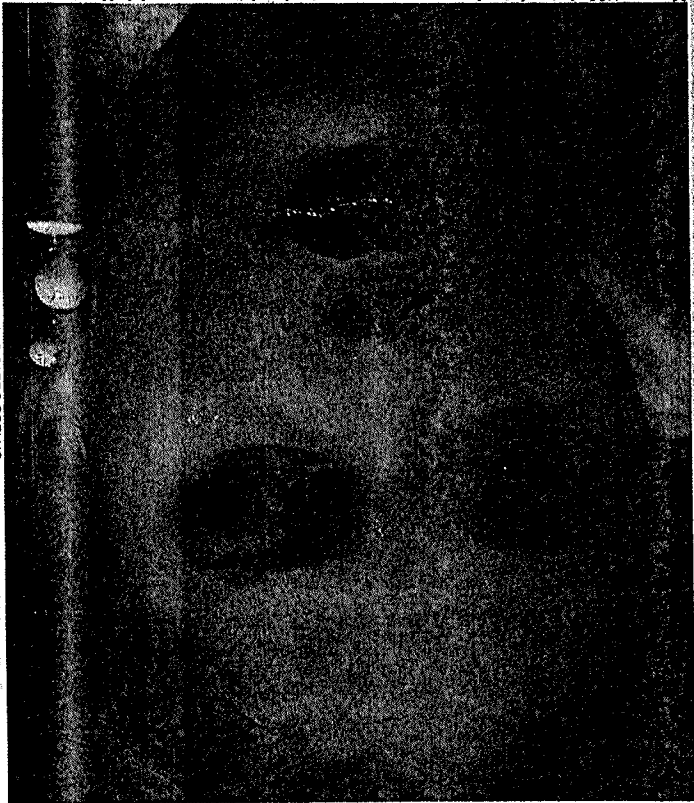
mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

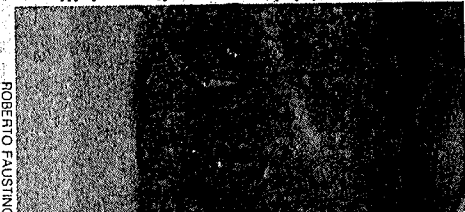
mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de

mas dos negros com agentes pastorais e pessoas de outros crendos. Um fenômeno que atrai muito sua atenção: os padres e freiras que esqueceram sua condição de negros e ficaram de



Xuxa: "Mulata é tudo o que eu gostaria de ser na vida".

RICARDO COELHO



ROBERTO FAUSTINO

Pelé: "O que há e preconceito social".

Ainda hoje a participação do negro no clero brasileiro é mi-

Um problema que ele atribui a prudência dos negros: não de-

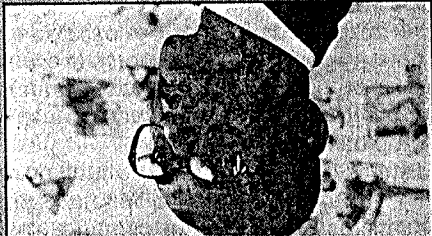
mentos quando quis escrever seu livro.



## o espaço político

Uma preocupação que vem recebendo cada vez mais atenções das comunidades negras a política. Agora, na República, elas tiveram uma resposta positiva a uma reivindicação antiga de voto do analfabeto. Como a grande parcela da população negra brasileira continua analfabeta, continuava sem voto. Agora os movimentos negros preparam-se para utilizar essa parcela de poder recebido.

O presidente da Câmara de Comércio Afro-Brasileira, Adalberto Camargo, foi deputado federal durante quatro legislaturas e tem algumas recomendações a fazer. Eleito inicialmente pela oposição, ele mudou de partido, em 1982, optando pelo PDS, mas não conseguiu votos para a reeleição. Mas acha



Adalberto Camargo: usar o potencial

que com o que já fez pode ser muito útil para a comunidade negra. E aconselha: O negro tem um espaço a ser ocupado, mas isso só acontecerá se o negro se voltar para os próprios problemas, deixando de colocar-se a serviço da classe dominante.

Ivan Augusto Alves dos Santos, vice-presidente do Conselho da Comunidade Negra de São Paulo,

nao elegem ninguém comprometido com suas causas, fica difícil cobrar soluções", admite. "Os votos que recebi vieram da loricida corintiana", argumenta o vereador Ze Maria, ex-lateral do Corinthians e da Seleção Brasileira. E acrescenta: "Para se ocupar um espaço político é necessário que haja união entre os muitos grupos em que os negros estão divididos".

Essas dificuldades são sentidas também pela Comissão dos Negros do Partido dos Trabalhadores. "Na direção do partido há pouquíssimos negros, num reflexo do que acontece lá fora", analisa Milton Barbosa, coordenador da comissão. Milton percebe que as bases do PT estão exigindo a discussão da questão racial, e justifica essa exigência: "Os negros são a maioria dos trabalhadores e, portanto, os mais explorados".

► mo um cidadão como os outros. Isso vai calçando, na criação negra, o complexo de inferioridade." Flavio cita também distorções no registro de fatos históricos: "Domingos Jorge Velho, por exemplo, é mostrado como um grande bandeirante, e nunca como o responsável pela destruição do Quilombo dos Palmares, refúgio dos negros que se rebelaram contra a Ultrapasada a fase universitária os negros enfrentam problemas: "no mercado de trabalho de uma sociedade discriminatória", como define o economista Flavio Jorge. E isso os poucos que o conseguem. A brasilianista Fay Haussman, da pós-graduação da Universidade de Columbia, Estados Unidos, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, a 12 de março deste ano, observa: "Em São Paulo, onde há mais emprego, muitos anúncios oferecendo emprego estipulam *bona aparência* significando *branco*, ou pelo menos *branqueado*. O Estado do com muita razão se orgulha de suas magníficas universidades, mas ocorre que em duas das maiores, PUC e USP, somente 1% dos estudantes é negro".

Mas até que ponto um negro é competente? Essa é a pergunta não pronunciada que permeia as relações profissionais. O secretário de Trabalho e Habitação do Rio de Janeiro, jornalista Carlos Alberto de Oliveira, o "Cabo", era, em 1973, editor de economia do *Jornal do Brasil*, no Rio. Ele fala de uma entrevista que fez, na época, com um membro do segundo escalão do Governo, e que mais tarde chegaria ao Ministério. "A entrevista foi marcada por telefone e eu fui a Brasília. Quando entrei no gabinete ele levou um susto e perguntou: "Mas você é o editor de economia do *JB*? Ele não podia imaginar que o jornal da condessa Pereira Carneiro tivesse um editor negro".

O mais importante para negros e pardos aliçados pelas desigualdades, segundo o vice-presidente do Conselho da Comunidade Negra, de São Paulo, Ivair Augusto Alves dos Santos,

## No anúncio de emprego, "boa aparência" significa "branco"

é "a luta para defender a participação no mercado de trabalho". Marginal na economia, o negro luta para manter a família e nesse ponto que surge a mulher negra como pilar do sustento dos filhos. Conhecida como boa cozinheira, dona de fortes traços, a mãe preta que amamentava o Brasil colonial ingressa as fileiras de empregadas domésticas, junto com as mulheres brancas analfabetas e extremamente pobres.

"A negra é uma mulher invisível, a não ser como objeto de cama e de cozinha", define Thereza Santos, membro do Conselho Estadual da Condição Feminina, em São Paulo. Esse conselho, como o da Comunidade Negra, foi criado pelo governador Franco Montoro em 1983. Entre as 29 conselheiras, só Thereza e sua suplente, Vera Saraiva, são negras, incluídas um ano depois da criação do conselho.

Ex-professora voluntária de crianças africanas durante o processo de independência da Guiné-Bissau, Thereza critica o paternalismo com que muitas pessoas preferem abordar a situação do racismo contra negros no Brasil. "Isso leva à perda total da identidade, pois só somos os melhores se jogamos futebol, ou então no reboledo das mulatas".

Até mesmo a beleza da mulata brasileira tropeça em questões: não-resolvidas, levantadas no 1º Encontro de Mulheres Negras de São Paulo, em agosto do ano passado. "O interesse se pelo tema surgiu a partir de nossas dificuldades no relacionamento com os homens negros", relata a advogada Maria Nazareth Monteiro. No encontro concluiu-se que a beleza da mulher negra está relacionada com simpatia, limpeza e odor, e não com seus traços característicos. Estes — e é bom frisar: mesmo entre homens negros — só são avaliados tomando como padrão a beleza de traços da mulher branca.

Nessa comparação a negra procura se igualar. E perde, inclusive por falta de armas como cosméticos: "A maquiagem é sempre complicada", reclama Neli Ferraz Azevedo, orientadora de estética da Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira. "A base ou o pó, quando não nos deixam acinteadas, nos tornam vermelhas demais. Quanto mais escura a





# A discriminação é tratada suavemente, como o jojo de bicho.

deve ser punida da mesma maneira que a prática do jojo do bicho, por exemplo, o que significa que ela é tratada com tal suavidade que não há estímulo para qualquer mudança de comportamento. Outro motivo de repúdio à lei: o acusado de discriminação sempre poderá acusar a vítima de calúnia ou injúria, ou seja, o feitiço pode virar contra o feitiçeiro. "A Lei Alfonso Arinos é uma face de dois gumes; quanto mais você mexe com ela, mais você se arreventa", compara Abigail Pascoa Alves de Souza, presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, com sede no Rio. Abigail condena a própria lei, e afirma que ela é discriminatória: "Ela diz que não pode haver racismo em hotéis, escolas, locais públicos, clubes, restaurantes... Mas é nas Forças Armadas, no serviço público, pode? Não há como recorrer". Em 1975 o então quintanista de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Hotelino dos Santos, tentou valer-se da lei. Ele havia conseguido um estágio no Sanatório Boratogo, para trabalhar em terapia ocupacional, primeiro passo para o estágio seguinte, em psiquiatria. Mas através de colegas, e até mesmo de um dos diretores do sanatório, ficou sabendo que não passaria ao segundo es-

Paulo Gonçalves estava numa fila do albergue esperando um prato de sopa e um lugar para passar a noite, como vinha fazendo já há algum tempo. De acordo com o jornal, a psicóloga estacionou seu Fiat nas proximidades e percorreu a fila, olhando cuidadosamente para todas as pessoas. "De repente, como se tivesse descoberto uma mercadoria há muito procurada, D. M. Z. parou diante de Paulo e o abraçou chamando-o de 'meu amor'.

Paulo Gonçalves estava nu, dentro de um automóvel anos, dentro de dois meses, o indigente Paulo Gonçalves, um negro de 52 anos, frequentou as manchetes do jornal sensacionalista Notícias Populares, de São Paulo, tornando-se uma celebridade para os leitores. Sua notoriedade começou no dia 27 de agosto de 1984, quando ele foi preso nas proximidades de um albergue noturno da cidade mantendo relações sexuais com a psicóloga D. M. Z., de 28 anos, dessa vez por roubar um rádio de pilhas em um hospital da cidade.

Paulo Gonçalves, um negro de 52 anos, frequentou as manchetes do jornal sensacionalista Notícias Populares, de São Paulo, tornando-se uma celebridade para os leitores. Sua notoriedade começou no dia 27 de agosto de 1984, quando ele foi preso nas proximidades de um albergue noturno da cidade mantendo relações sexuais com a psicóloga D. M. Z., de 28 anos, dessa vez por roubar um rádio de pilhas em um hospital da cidade.

## O caso Peleazo



Paulo, o Peleazo: da notoriedade à prisão.

Hotelino, repreendido pelo juiz.



lamar: "Negro e pobre..."

de defesa: "Ele disse que eu deveria ser condenado por causa contra uma instituição respeitável e um médico imaculado. E o juiz disse que só não me condenava porque eu era primário e estava influenciado por ideologias exóticas". As voltas com centenas de livros, e estudando um novo texto constitucional para submeter à Constituinte, o jurista Afonso Arinos de Mello Franco preferiu não comentar as boas intenções, e a ineficácia, de sua lei. O certo é que os negros não a querem. E que já existe mesmo um projeto encaminhado pelo deputado federal Abdias do Nascimento, do PDT do Rio de Janeiro, negro, enquadrando o racismo como crime de lesa-humanidade.

Reportagem de Antônia Chagas, com participação de Ailton Kanitz, Deborah Dumar, Homero Fonseca, Luiz Carlos Cancellier, Luiz Vita e Oscar Valporto.

tagio. Motivo: ele é negro. Hotelino procurou o diretor e, na conversa com ele, ficou sabendo que a decisão cou paria do proprietário da clínica. Essa conversa foi gravada e Hotelino recorreu à Justiça, que — apesar do depoimento de testemunhas — não aceitou a gravação como prova válida. Hoje ele conta que foi repreendido por seu próprio advogado de defesa: "Ele disse que eu deveria ser condenado por causa contra uma instituição respeitável e um médico imaculado. E o juiz disse que só não me condenava porque eu era primário e estava influenciado por ideologias exóticas".

Paulo Gonçalves, um negro de 52 anos, frequentou as manchetes do jornal sensacionalista Notícias Populares, de São Paulo, tornando-se uma celebridade para os leitores. Sua notoriedade começou no dia 27 de agosto de 1984, quando ele foi preso nas proximidades de um albergue noturno da cidade mantendo relações sexuais com a psicóloga D. M. Z., de 28 anos, dessa vez por roubar um rádio de pilhas em um hospital da cidade.

Paulo Gonçalves, um negro de 52 anos, frequentou as manchetes do jornal sensacionalista Notícias Populares, de São Paulo, tornando-se uma celebridade para os leitores. Sua notoriedade começou no dia 27 de agosto de 1984, quando ele foi preso nas proximidades de um albergue noturno da cidade mantendo relações sexuais com a psicóloga D. M. Z., de 28 anos, dessa vez por roubar um rádio de pilhas em um hospital da cidade.